

A (RE)CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM KALANKÓ

JOSÉ MOISÉS DE OLIVEIRA SILVA¹

No imaginário popular, o índio é representado por extremos, em alguns momentos como ser “irracional” e “selvagem” (LAPLANTINE, 2007), em outros como na literatura de José de Alencar, em *O Guarani* e *Iracema*, publicados respectivamente nos anos de 1857 e 1865, um ser dócil, tão puro e amável como uma criança, o protetor da natureza. Algo constante na literatura e outras artes: cabelos negros, lisos, pele vermelha e traços asiáticos, estereótipos largamente difundidos como se tivessem sido cristalizados no desembarcar das caravelas, e tudo que foge das características que reafirme estes estereótipos é tido como não “autêntico”. Por isso, a necessidade de abordar a (re)construção da autoimagem Kalankó, tanto pelo processo histórico nacional quanto sua ressurgência.

O que por muito se pensou é que estes grupos estariam completamente “extintos”, como observa Arruti (1995, p. 57). Quanto a esse equívoco, “seus grupos teriam sido exterminados ou assimilados completamente à cultura e à sociedade regional, passando a compor o tipo humano e cultural do caboclo ou do sertanejo, aliás a reserva folclórica do próprio país”. É justamente nessa categoria de índios no Nordeste, e muitas vezes folclorizados, que os Kalankó se encontram, tratando de invisibilidade e negação que constituem um extermínio ideológico e como a história já mostrou, pode se tornar físico, processo, o qual, grupos no Semiárido brasileiro foram vítimas, significando o etnocídio de alguns deles.

Em alguns momentos temos a figura do índio partilhando elementos com personagens do “folclore”, como o Saci-pererê, Curupira, Iara e a Vitória-Régia, grande parte mitos de alguns grupos que são chamados lendas, a exemplo das tantas escolas que difundem esses estereótipos em livros didáticos e canções infantis, não estabelecendo distinção entre a ficção e outras realidades, mesmo sendo o “índio” um ser real, o tornam folclorizado, ao contrário, por exemplo, do sertanejo, figura a qual os índios do Semiárido são muitas vezes categorizados como tal, tornando-os homogêneos, junto a outros grupos presentes na região. Ou seja, para o imaginário popular e até o Estado, categorizar o índio como qualquer outro grupo, parece uma afirmativa mais convincente, do que aceitar a sua existência real e política e se responsabilizar por tratos específicos frente a história desses grupos que se entrelaçam com a o próprio Brasil. Assim, os Kalankó estão entre a cobrança de um índio “autêntico” e suas vivências reais, construindo sua autoimagem, à medida que vivenciam seus processos, e vão se construindo no caminhar.

¹ Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFAL e membro do grupo de pesquisa Antropologia Visual em Alagoas (AVAL).

As coisas vividas pelos Kalankó são partilhadas entre os grupos e com aqueles que residem nas mesmas comunidades. Parte destes não índios partilha elementos característicos à região, sejam referentes a questões climáticas, ou de ordem pública, dividindo as mesmas escolas, os mesmos espaços de saúde pública, os mesmos dilemas da seca, as mesmas festas de apartação², a mesma capela, os mesmos carros da feira e os mesmos times de futebol.

Os Kalankó foram vistos de forma indistinta até o ano de 1998, data de sua ressurgência pública enquanto grupo indígena Kalankó. Os chamados não índios que com eles dividem o mesmo espaço/comunidade, acompanharam sua busca por direitos e reconhecimento étnico, integraram lado a lado as frentes de serviço, das obras de combate a seca, conhecidas por *maguinde* onde segundo eles saiam magros e nus, dançam toré até onde lhes é permitido, e são chamados pelos Kalankó de *primos*, tendo em vista que, *parente* é aquele do seu mesmo grupo e de qualquer outro grupo indígena, existindo assim, uma vasta quantidade de grupos indígenas sertanejos, mesmo compreendendo que nem todo sertanejo é indígena. Essa relação de identidades que se misturam e ao mesmo tempo se delimitam em fronteiras, como mostra Ulf Hannerz, “[...] onde as comunidades são diásporas e as fronteiras na realidade não imobilizam mas, curiosamente são atravessadas. Frequentemente é nas regiões fronteiriças que as coisas acontecem” (HANNERZ, 1997, p.08).

O toré, enquanto elemento de afirmação étnica é um dos fatores que marcam as fronteiras, sendo a característica diacrítica, como afirma Fredrik Barth (1998), que serve tanto como elemento de distinção, quanto espaço de (re)construção de autoimagem, feito de forma intencional, de acordo com o grupo com o qual está se relacionando. Pode compreender que o toré, enquanto dança circular, vai se construindo a partir do seu nível de “importância”, com teor político, religioso, cultural ou recreativo, onde nenhuma dessas categorias exclui a outra.

A ressurgência Kalankó é um ponto crucial para sua distinção, enquanto grupo étnico, e sua reorganização política, interna e externa, a partir da (re)construção da autoimagem, para a reivindicação de direitos específicos, negando e afirmando o que são ou se pretendem, de forma estratégica. Intencionalmente, como nos mostra o Pajé Antônio: “*Se você perguntar por índio não sei dizer, agora se disser Kalankó eu sei. Esse negócio de índio foi um apilidío que os outros botaram*”. Logo compreendo o ato de nomear como um ato político e de demonstração de poder, pois nomeia quem é dono, da mesma forma que descreve, enfatizando as características que lhe convém, dizendo como as coisas foram ou devem ser, por isso, a importância política da (re)construção da autoimagem. Posar para uma fotografia construída não se trata de ser ingenuamente manipulado, e sim, compor a categoria índios, mesmo que com sua distinção Kalankó.

²São práticas que reproduzem parte das atividades do ofício de vaqueiro de forma recreativa, a exemplo da vaquejada e pega de boi no mato, de forma a demonstrar as habilidades de cada um junto ao cavalo no exercício.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício Andion. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 57-94.

LAPLATINE, Francois. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional. **Mana**, v. 3, n. 1, 1997, p. 7-39.



Criança Kalankó assistindo ritual de Praiá



Membros das comunidades Kalankó assistindo ritual



Praias no terreiro



Praías no terreiro



Jovem kalankó com pintura corporal de um calango, imagem adotada pelo grupo



Jovens dançando toré durante comemoração dos 19 anos de resistência(2017) ano da ressurgência e reafirmação étnica do grupo



Jovens dançando toré durante comemoração dos 19 anos de resistência(2017) ano da ressurgência e reafirmação étnica do grupo



Toré dançado durante Jogos Kalankó



Toré de encerramento dos jogos e festividade dos 19 anos de resistência Kalankó, com a presença dos grupos Xukuru Kariri Wassu Cocal, Katokinn, Koiupanká, Geripankó e Karuazu.

Recebido em: 10 de junho de 2018.
Aprovado em: 19 de junho de 2018.
Revista Mundaú, n.4, 2018, p.121-130